



Desconhece-se o Paradeiro de José Saramago

Escritor desaparece deixando manuscrito de ficção científica
Por Jorge Candeias

Desapareceu de sua casa na ilha espanhola de Lanzarote, Canárias, o escritor português José Saramago. O laureado com o prêmio Nobel terá sido visto pela última vez por um estafeta de uma loja local, que teria ido entregar viveres a sua casa no princípio da tarde de antontem, dia 21. A esposa do escritor encontra-se

em viagem e é esperada em Lanzarote apenas dentro de uma semana. Segundo informações da editora, Saramago preparava-se para publicar o oitavo volume dos "Cadernos de Lanzarote". A polícia não fornece quaisquer esclarecimentos sobre o caso e a casa do escritor encontra-se inacessível à comunicação social.



Título: Desconhece-se o Paradeiro de José Saramago

Autor: Jorge Candeias

Capa: Gabriel Bozano / Jorge Candeias

Revisão: Jorge Candeias

Publicado originalmente em: Somnium nº 77 (2000) - CLFC (Brasil)

Outras publicações:
E-nigma Light, 2001

Os e-books editados pelo E-nigma são publicados por acordo com os seus autores e o *copyright* permanece na posse do autor. A reprodução destes e-books é livre se e só se o texto se mantiver inalterado e sob a forma original deste PDF, e na medida em que não haja aproveitamento comercial. A cópia, aluguer ou qualquer outra transacção destas publicações a troco de dinheiro está expressamente proibida.

Editor: E-nigma (www.ficcao.online.pt/E-nigma) / Jorge Candeias

Edição nº: NE-9/2003

Ajude o E-nigma a oferecer-lhe cada vez mais e melhor literatura fantástica. Veja como em
www.ficcao.online.pt/E-nigma

Desapareceu de sua casa na ilha espanhola de Lanzarote, Canárias, o escritor português José Saramago. O laureado com o prémio Nobel terá sido visto pela última vez por um estafeta de uma loja local, que teria ido entregar víveres a sua casa ao princípio da tarde de anteontem, dia 21. A esposa do escritor encontra-se em viagem e é esperada em Lanzarote apenas dentro de uma semana. Segundo informações da editora, Saramago preparava-se para publicar o oitavo volume dos "Cadernos de Lanzarote". A polícia não fornece quaisquer esclarecimentos sobre o caso e a casa do escritor encontra-se inacessível à comunicação social.

Conseguimos no entanto apurar que o desaparecimento, denunciado à polícia espanhola por alguns amigos que teriam um encontro combinado com o escritor em Haría, pequena localidade do norte da ilha de Lanzarote, se reveste de aspectos misteriosos e até mesmo bizarros. De facto, apesar de não haver quaisquer sinais de roubo ou violência, desapareceram vários objectos pessoais, incluindo roupas, o computador que o escritor utiliza para escrever, e vários outros objectos da predilecção de Saramago, como se este se tivesse preparado para uma longa viagem. Para adensar o mistério, encontrou-se sobre a mesa de trabalho do escritor um breve manuscrito fantástico, ao qual tivemos acesso, e que transcrevemos de seguida:

De que vale uma vida sem mistérios? Dou por mim a brincar insistentemente com tal pensamento enquanto outra parte do meu cérebro revive a minha saída desta Terra que me acolhe como um útero desde há tantos anos que já se tornaram difíceis de contar. Talvez por a minha vida não ter mistérios para mim, a dediquei a inventá-los para os outros e se for esse o caso, que farei eu dos anos que me restam? Ou antes, que poderei fazer deles, agora que esta velha vida que é a minha vestiu um manto de mistério que nem outra vida igual a esta me permitiria deslindar?

Os críticos ao que escrevo dizem que sou demasiado intrincado, que perco a objectividade do que quero dizer nas muitas palavras com que o digo e nas voltas,

recuos e torneios com que levo as minhas frases ao seu destino. Talvez seja assim, embora a mim tudo me pareça claro. Mas se for assim, será este texto incompreendido? Terei de forçar-me a um estilo jornalístico para que não confundam o que quero dizer com o que não quero? Já lhe perdi o jeito, ao estilo jornalístico, se é que alguma vez o tive, mas talvez tenha de tentar, pelo menos. Porque o que tenho para dizer é demasiadamente importante para que não me compreendam, será mesmo a coisa mais importante que alguma vez disse ou direi, ou até a única coisa na verdade importante que deixarei aos meus semelhantes.

Penso que tudo tenha começado quando quis lançar os olhos do mundo para os seus deserdados, aproveitando os cinco minutos de fama que o Nobel me deu. De algum modo que nem me atrevo a tentar compreender, as minhas palavras terão chegado mais longe que eu alguma vez poderia supor. Ou pelo menos assim penso, porque nada me foi dito directamente, foram-me apenas mostradas maravilhas e terrores e foi-me feito um pedido silencioso para que retirasse delas e deles as minhas próprias conclusões.

Seja como for, o facto é que há cerca de seis meses, tempo contado através dos ciclos de sono e vigília que atravessei, ou ontem, a acreditar na data que diz o calendário que tenho na minha frente, fui levado por uns seres que me parece já ter visto em sonhos, meus ou de algum outro sonhador, para um objecto quase abstracto, de tão bizarra a sua forma, ou falta de forma, que aquilo não se enquadrava em nada que fizesse parte da experiência dos homens. Não era forme, portanto, mas também não era informe, porque parecia ter uma estrutura lógica qualquer. Era algo construído com um objectivo, não uma jangada de pedras que se juntassem por acaso para seguir à deriva pelas correntes do que fosse que lhe servisse de suporte. No interior reinava a mesma ambiguidade e, além da falta de uma forma com propósito evidente, embora eu não pudesse saber que propósito seria esse, havia coisas bidimensionais, nem propriamente pintura, nem talvez caligrafia, e nada que se assemelhasse a um manual para me ajudar a enquadrar tudo aquilo num todo uno e real.

Será escusado dizer que neste ponto comecei a duvidar da minha sanidade mental, e devo admitir que ainda hoje passado tanto tempo e tantas coisas (e não me

consigo convencer de que o que estou a descrever se passou ontem apenas) alguma dúvida ainda persiste no meu espírito sobre o seu estado real. Estranha mania esta que a mente tem se reflectir sobre si mesma. Mas não posso deixá-la dispersar-se em filosofias que neste momento são espúrias, nem posso partir do princípio de que enlouqueci. Eles não mo perdoariam, e talvez nem eu mesmo me perdoasse.

Nem dei porque aquilo se levantasse do chão, mas quando os meus captores (e chamo-lhes captores à falta de um termo melhor, pois violência não havia de todo e em vez disso aqueles seres estavam envoltos numa aura de benignidade que não se mostrava, mas que se via) me levaram para uma sala (e deparo-me aqui mais uma vez com dificuldades na linguagem, pois aquilo não era uma sala das que todos conhecemos da nossa vida quotidiana. Mas decidi que devia sacrificar a realidade à clareza desde que a verdade não sofra com isso, e se nada foge à verdade mais profunda se se chamar sala ao que não o é na realidade objectiva das coisas, seja então isso uma sala) com vista para o exterior, pude ver uma coisa redonda e azul na minha frente, uma jóia a que os homens de todos os povos chamam Terra. Mas vi-a como a vira antes bastantes vezes em fotografias e pinturas, não como a vi toda a vida, em fragmentos minúsculos, do nível do chão. Acreditar-me-ão certamente se vos disser que não posso imaginar que até ao ano da minha morte volte a ver algo que me impressione tanto...

Desculpem-me. Vieram chamar-me, querem partir. Sinto-me como uma criança numa loja de doces, com os pais já à porta a chamá-la. Quero deixar este relato para trás, concluído, mas temo ter-me perdido em divagações não fundamentais. Concluamos brevemente então, que tudo indica que terei mais tarde muito tempo para descrever mais pormenorizadamente tudo aquilo por que passei.

Depois de sairmos da Terra, dirigimo-nos a Marte. Sei-o porque aterrámos (não aterrámos propriamente, mas enfim... não há tempo para explicar melhor nem para procurar palavras mais fiéis) junto do local onde ficou abandonada aquela pequena maravilha tecnológica que eu tanto critiquei por desviar recursos fundamentais num mundo cheio de seres humanos a morrer de fome. Reconheci-a, e reconheci o local, aquela planície cheia de pedras sob um céu cor de rosa. Mostraram-me esse planeta como ele é hoje, no presente, e depois vi como ele será no futuro e como foi

no passado. Vi Marte repleto de homens e de actividade, cidades, primeiro dentro de cúpulas de vidro mas mais tarde sob um céu azul tão semelhante ao da Terra que me vieram as lágrimas aos olhos. Durante muitos dias, mostraram-me o planeta, local por local, quase pedra por pedra, desde o presente até um futuro que se me apresenta longínquo e para trás ao longo do tempo até ao dilúvio primevo que começou a esculpir-lhe a face. Compreendi, ou julguei compreender, que tudo se somava para aquele ponto no tempo em que pés humanos sulcassem aquelas areias estranhas pela primeira vez, e quando, após termos visitado o passado de Marte, fizemos uma breve excursão pelos planetas gigantes, julguei entender Marte como um exemplo, uma amostra, uma parábola parcial para um todo muito maior, porque o futuro dos planetas filhos do Sol se me apresentava repleto de homens, homens por todo o lado, de Mercúrio a Plutão, passando por uma miríade de corpos que nunca conheci por nome próprio ou apelido. Presumi que os homens não se tinham ficado pelo pátio do Sol e em vez disso tinham partido para outras estrelas, para chamar seus a outros locais, sob outros céus pintados com constelações estranhas para olhos terrestres, embora nada disto me tenha sido mostrado pelos meus cicerones.

Vi tudo aquilo com o olhar maravilhado de um homem que vê desenrolar-se na sua frente a história do cerco ao Universo inteiro, e nesse cerco estão os seus próprios filhos na primeira linha do combate, e que compreende que a insatisfação que sente dentro de si é a mesma que os leva a lutar, lutar sempre, contra todas as dificuldades, contra todos os impossíveis, com a Vontade como único combustível de uma passarola que nunca deixará de voar.

Depois trouxeram-me de volta a Marte, e deram-me a ver de novo a evolução do planeta desde que pela primeira vez se revelou na sua individualidade de planeta, único e diferente de todos os outros, até ao meu anterior tempo presente, e digo anterior porque por essa altura já me sentia fora do tempo, um observador exterior, sem interferência nem influência na realidade. Deram-me a ver em paralelo a evolução do meu próprio mundo, os dois lado a lado, a Terra como um irmão mais velho de Marte, mas simultaneamente mais jovem, porque vivo. Vi nela o nascimento da Vida, vi nela o surgimento do Homem, as suas primeiras alegrias e tristezas e Marte vazio, as primeiras injustiças, as primeiras desigualdades e Marte vazio, o nasci-

mento, apogeu e morte dos grandes impérios da Antiguidade e Marte vazio, as idades das Trevas e das Luzes, e Marte vazio, as primeiras máquinas e Marte vazio, as grandes guerras e Marte vazio, finalmente o presente e Marte vazio. E Marte vazio. No local onde a nave americana deveria ter ficado a enferrujar não havia nada, e na minha Terra as coisas também já não eram bem como eu as conhecia.

Será possível que tenha estado tão enganado? Será possível que a fome e o sofrimento sejam condições necessárias à sobrevivência dos homens? Não posso de modo algum aceitá-lo. Mas o que vi foi um mundo inteiro a concentrar os seus recursos e a sua atenção no fim da fome, da miséria, da indignidade humana e a morrer por isso. O que vi foi uma espécie que esqueceu o Espaço e que por isso não aprendeu uma série de técnicas e não descobriu um vasto conjunto de leis naturais necessárias à sua viabilidade, uma espécie que só se deu conta da poluição quando já era tarde demais, uma espécie que nunca desenvolveu mecanismos eficazes de controle ecológico porque não dispunha de um ponto de observação exterior à biosfera para a ajudar a aferir do grau de acerto das suas tentativas de correcção dos desequilíbrios que ia produzindo. E depois vi a derrota total, o regresso da fome e da miséria, o regresso da doença, o regresso da guerra e finalmente vi a morte.

Que contraste! E que paradoxo! Como com tudo o que de mau existe no mundo que somos o Homem prospera e com tudo o que de bom existe no mundo que deveríamos ser o Homem morre!

Não é possível que só possa ser assim, duma maneira ou doutra, a branco ou a negro. Tem de existir um caminho intermédio, um terceiro caminho, que possa compatibilizar sobrevivência com dignidade humana, um caminho que não deixe um traço amargo na boca dos homens que o seguirem. Mas para poder ter esperança de ser capaz de encontrar esse caminho tenho de saber mais, e por isso partirei de novo dentro de alguns minutos. Os meus companheiros, que companheiros se tornaram entretanto, companheiros de descoberta e de exploração, esperam-me, aparentemente pacientes, enquanto eu aqui sentado neste ambiente familiar divago sobre o destino do Homem. Tenham um pouco mais de paciência, que estou quase no fim.

E cheguei ao ponto em que terei de dizer claramente o que deixei entrever nas linhas mais acima: estou profundamente arrependido das palavras que proferi em

condenação dos esforços científicos. Se encontrarem nos vossos sentimentos um lugar para o perdão, agradeço-vos, mas não poderei censurar-vos se no meu memorial ficar descrito como um cego disseminador da cegueira. No entanto, não renego a luta dum vida pela dignidade humana. Penso que se pode e deve solucionar todos os problemas em simultâneo. É para saber como fazê-lo que parto de novo. Por isso, meus amigos, não me lamentem nem chorem a minha ausência, porque estarei a lutar por vós, e por conseguinte por mim mesmo.

Pilar, um beijo de quem te amou sempre. Eu sei que compreendes. Espero estar de volta em breve, provavelmente num tempo muito mais breve para vós que para mim. Espero regressar mais sábio e com algumas respostas no lugar do que até agora não são mais que perguntas. Até lá fiquem todos com os meus melhores desejos. E não parem de esforçar-se, pelo futuro.

Este texto encontra-se nas mãos de especialistas a fim de aferir da sua autenticidade. No entanto, uma fonte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra disse à nossa redacção que, numa análise preliminar, o texto parece ser uma falsificação não muito perfeita, visto que o estilo fraseológico não corresponde inteiramente ao do escritor. Fica a questão: quem poderia tentar evitar suspeitas de rapto com um texto com tais características?

Nenhuma das personalidades contactadas até ao fecho desta edição mostrou a mínima abertura à hipótese de o texto relatar acontecimentos verídicos.

O Autor fala sobre a obra

José Saramago, depois de ter ganho o Nobel, viu-se envolvido ainda mais do que já era hábito numa ciranda constante de palestras, sessões de autógrafos e demais aparições públicas em que se via obrigado a botar discurso. Isto coincidiu mais ou menos com o momento em que a sonda Mars Pathfinder, da NASA, chegava a Marte e começava a apresentar-nos com um fluxo constante de magníficas paisagens simultaneamente alienígenas e tão familiares.

Saramago insurgiu-se contra, e fê-lo reiteradamente, a cada aparição pública. Que não era compreensível, que não era ético, que era uma monstruosidade, dizia ele, gastar-se todo aquele dinheiro para colocar um robot em Marte quando na Terra havia crianças a morrer de fome.

Eu, que assisti ao vivo e em directo a uma destas tiradas, arrepiei-me. Não por achar justo que crianças morram de fome enquanto se gastam milhões em coisas acessórias, mas porque Saramago elegeu como alvo a busca do conhecimento enquanto deixava passar em claro as somas imensamente maiores atiradas pela janela em gastos militares, ou em indústrias perfeitamente supérfluas, como a da moda ou boa parte das indústrias de entretenimento. É que a busca do conhecimento nunca é fútil e, como foi já provado inúmeras vezes, a ciência aparentemente mais inútil pode, anos mais tarde, vir a dar origem a indústrias multimilionárias e fundamentais.

O Sputnik tinha apenas valor de propaganda. Hoje não podemos passar sem os satélites...

Foi por isso, e porque sou há muitos anos admirador do Saramago, que escrevi este conto. Tentei pôr-me no lugar dele e procurei descobrir como reagiria se lhe fossem mostradas as consequências para a espécie humana de voltar as costas à ciência mesmo que o pretexto tenha a nobreza de procurar uma cura para a fome e as injustiças sociais.

O *deus ex machina* é aqui deliberado e inevitável. Não procurei escrever um grande conto de ficção científica. Procurei apenas fazer pensar quem o lesse. Ficaria feliz se o próprio Saramago fosse uma destas pessoas.

Também ficaria feliz se através da minha escrita vocês, os leitores, conseguissem vislumbrar a do Saramago. Mas mesmo que não tenha conseguido nada daquilo a que me propus acima, já me contentaria em proporcionar-vos uns momentos divertidos a identificar as referências que fui deixando ao longo do texto a alguns dos títulos dos livros do nosso escritor mais consagrado.

Gosto de pensar neste texto como uma homenagem. Ainda que por vezes não pareça sê-lo.

Jorge Candeias, Novembro de 2001